

a moral
c3smica
das rochas
e a miniatura
como morada
da grandeza

CLARA GOLDENSTEIN

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ARTES E DESIGN
PROJETO FINAL COMUNICAÇÃO VISUAL 2019.1
ORIENTAÇÃO NILTON GAMBA JUNIOR, IZABEL OLIVEIRA, CADU

Essas imagens da matéria terrestre oferecem-se à nós em profusão num mundo de metal e pedra, de madeira e gomas; são estáveis e tranquilas; temo-las sob os olhos; sentimo-las nas mãos, despertam em nós alegrias musculares assim que tomamos o gosto de trabalhá-las.

GASTON BACHELARD

AGRADECIMENTOS

Ao *Cadu* pela generosidade e pelas trocas na orientação, que me fizeram enxergar além. *Izabel Oliveira* pelo acolhimento, desde o princípio. *Roberta Portas* por abraçar as ideias junto comigo e por ser uma das professoras mais plurais que já tive a sorte de ter. *Professores e professoras* da turma de projeto final pelos aprendizados valiosos e por me escutarem com afeto. *Ana Branco* por despertar em mim tanto do que sempre fui. Muito deste trabalho começou na aula das conchinhas de biochip. *Gilberto, Leo e Andrew* do Prelo que contribuíram para que eu tivesse uma segunda casa na Gávea, mesmo que sempre cheirando à tinta. *Rogério* pela sempre milagrosa ajuda de som e vídeo. *Julio, Thais, Nubia, Luis Claudio e Gabriela* do LGPA/UERJ por me apresentarem as riquezas do mundo da geologia. *Colegas de sala* com quem dividi momentos de aperto e alívio. *Amigas irmãs Bia, Dai e Jubi* por fazerem com que os anos de graduação fossem mais amáveis. *Meu irmão Daniel* pelo tanto que vivemos e descobrimos juntos. *Meus pais* por regarem minhas raízes com sensibilidade. *E ao Gabriel* pela companhia, pelo apoio e pelo amor.

MAGMA

PARTE I 6

PARTE II 9

CRISTALIZAÇÃO 12

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS 15

EROSÃO

MATA E MAR 28

RIO 36

VENTO 62

SONHO 67

CONSIDERAÇÕES FINAIS 75

BIBLIOGRAFIA 77

I.

HABITAR UM GRANDE CENTRO URBANO SIGNIFICA aceitar seus mecanismos, ou simplesmente encontrar modos de sobreviver à eles. Quando li um livro de poemas de Manoel de Barros pela primeira vez, apesar de espremida em um banco gelado do metrô, fui transportada para outra atmosfera, onde o tempo corria de outra maneira: se lê Proust e também avencas, se ouve Beethoven e também aves e é no ínfimo que está a exuberância. Nas coordenadas de sua poesia, Manoel nos lembra da importância do olhar minucioso e atento ao pequeno e das grandes questões do mundo que estão presentes nele.

*Nasci para administrar o à toa
o em vão
o inútil.*

Pertenço de fazer imagens.

Opero por semelhanças.

*Retiro semelhanças de pessoas com árvores
de pessoas com rãs
de pessoas com pedras
etc. etc.*

Retiro semelhanças de árvores comigo.

Não tenho habilidade pra clarezas.

Preciso de obter sabedoria vegetal.

*(Sabedoria vegetal é receber com naturalidade uma rã
no talo.)*

E quando esteja apropriado para pedra, terei também sabedoria mineral.¹

Foi caminhando nesta mesma direção que encontrei Marcovaldo, de Italo Calvino. Em *Marcovaldo ou As estações na cidade*, o protagonista sempre encontra uma brecha para sonhar entre a rotina de trabalho e as noites mal dormidas na casinha apertada. O livro se divide em uma série de contos curtos, que possuem a mesma estrutura: Marcovaldo procura pelos mínimos vestígios da natureza em meio ao caos urbano, sonha com a volta a um estado selvagem, mas, por fim, inevitavelmente decepciona-se. O protagonista é o retrato do homem primal exilado na cidade industrial. Calvino opta então por nunca nomear a cidade, justamente porque a questão não é falar de *uma* cidade, e sim *da* cidade. Qualquer metrópole, anônima e típica. O mesmo acontece com a fábrica onde o protagonista trabalha. Não conseguimos descobrir o que é produzido ali, ou que função nela desempenha exatamente. É a fábrica, símbolo de todas as fábricas.

*O vento, vindo de longe para a cidade, oferece a ela dons insólitos,
dos quais se dão conta somente poucas almas sensíveis, como quem*

*sofre de febre de feno e espirra por causa do pólen de flores de outras terras. Certo dia, num sulco de canteiro de uma avenida, apareceu, sabe-se lá de onde, uma rajada de esporos, e ali germinaram cogumelos. Ninguém se deu conta disso, exceto o carregador Marcovaldo, que todas as manhãs pegava o bonde exatamente ali.*²

Tanto em Manoel de Barros, como em Italo Calvino, o intuito é sugerir um olhar fresco para o cotidiano, através da poesia. E é nesse novo olhar que, de alguma maneira, nos tornamos capazes de frear a velocidade da rotina. Um movimento que transgride o *modus operandi* das grandes concentrações urbanas. Foi então, pensando na literatura e em outras artes como meio de remodelar o olhar, que decidi desenvolver um trabalho que surgisse como uma resposta à isso.

ESTAR NO MEIO NATURAL também nos fala deste *serenar* que o olhar minucioso proporciona. Desenvolvendo-se segundo leis que lhe são próprias, em seu ritmo temporal, a natureza flui independente do tempo do homem. Embora sejamos habitantes dessa base terrestre telúrica, insistimos em manter com ela uma relação marcada pela exploração e o controle. À respeito disso, fui em busca de materiais teóricos que, por fim, tiveram papel essencial no seguimento da pesquisa. Filmes e livros foram a base para elaborar e compreender a maneira como o homem vem se relacionando com a natureza e quais têm sido as consequências.

O filme *Ponto de mutação* (1990), que leva o mesmo nome do livro no qual se baseia (1982), escrito por Fritjof Capra, traz reflexões à respeito do assunto. É a partir do diálogo entre um poeta, uma cientista e um ex candidato à presidência dos Estados Unidos que se estabelece uma discussão sobre como a humanidade tem estruturado um modo de ver o mundo, desde Descartes. Diante da estrutura de um enorme relógio, como alusão ao símbolo da visão mecanicista que o autor questiona, os personagens falam da crise de percepção que pode ser relacionada à temas diversos como educação, uso de medicamentos, agrotóxicos, economia, criminalidade, ecologia e tantos outros. Percebemos o que nos circunda não como um organismo vivo, do qual fazemos parte, mas como uma máqui-

na, que funciona através de peças fragmentadas. A proposta de Capra, que fica mais evidente na leitura do livro, é que a ciência incorpore uma abordagem holística, compreendendo o todo como indissociável.

Também com uma proposta de questionamento, o filósofo francês Michel Serres, em *Tempo de crise*, expõe que o que caracteriza o nosso tempo é a mudança de condição do mundo. Aos poucos, o planeta vem se tornando o terceiro ator da política, contradizendo a lógica que há muito norteia o pensamento ocidental. Mais do que nunca, entra em questão a relação essencial dos seres humanos com o planeta. Serres fala sobre como essa ligação se modificou drasticamente através da agricultura e o brutal esgotamento da população rural, a partir do século XX. Se a maioria passará a viver fora dos muros da cidade, “quem haverá de conhecer o mundo, como o conheceram e praticaram os rurais? Quem pensa nele agora?”³ Nessa “ignorância do mundo” que começa se construindo no meio urbano, preferimos imaginar a natureza como um objeto obediente, que cabe no quadrado de um canteiro em meio à árida cobertura estéril de concreto. Não há, nas cidades, a mesma necessidade de se estar atento ao vento, à chuva, ao sol – ou à falta deles. Não à toa somos surpre-

tirar?

endidos quando as catástrofes naturais destroem nossas frágeis estruturas, como um lembrete da efemeridade da vida humana diante do tempo da terra.

É basicamente a partir dessa diferença de escalas de tempo que o escritor americano Alan Weisman descreve, no livro *O mundo sem nós*, de que forma a natureza iria se apossar das metrópoles em um futuro hipotético, onde os humanos desaparecem de um dia para o outro. Em uma cidade abandonada, a retaliação da água enfurnada por todas as áreas, por exemplo, virá rapidamente. Após uma chuva forte, em menos de 36 horas o metrô de Nova York ficará inundado. No asfalto das ruas, pequenas rachaduras permitirão que sementes se aloquem e façam brotar árvores. É pela sua capacidade de reinvenção que a natureza se mostra uma fonte inesgotável de ensinamentos. A reconexão com a terra nos leva a tomá-la como referência para resgatar capacidades inerentes ao ser humano, mas inutilizadas e subestimadas na vida urbana.

É SOBRE APRENDER PELA NATUREZA QUE GASTON BACHELARD reflete em *A terra e os devaneios da vontade* (1948) – um dos livros da série em que se dedicou a discorrer sobre o arquétipo dos quatro elementos. Utilizando a imagem do rochedo, o poeta e filósofo francês aponta sobre a necessidade de uma “moral cósmica”, que trata da “moral que se expressa nos grandes espetáculos da natureza”⁴. Na contemplação das rochas encontramos lições de estabilidade, força, solidez, resistência, resiliência.

Neste pequeno fragmento da estrutura terrestre despertam-se sonhos infinitos sobre a vida formadora, sempre lenta e contínua. Estáveis e tranquilas, em sua solidez muda, as rochas nos contam uma história geológica – sua presença é simultaneamente um instante e uma eternidade. Meditar sobre seu passado significa sonhar com eras desaparecidas, muito anteriores à própria existência dos seres que agora sonham por elas.

*“É facilmente compreensível que os homens adorem as pedras. Não é a pedra. É o mistério do planeta terra, poderosa e pré-humana, que mostra a sua força”.*⁵

Significa também pensar no ciclo de vida da rocha. Bachelard reúne imagens da terra profunda e do céu estrelado, nuvens e minerais, cristais e águas congeladas e é nesta perfeita reunião

4 BACHELARD, Gaston. (2013) **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo, Martins Fontes. p. 160.

5 Ibidem, p. 152

que rememoramos a interdependência na qual se estrutura a natureza. Todos os elementos coexistem e se complementam. É com fogo e paciência que a matéria emerge do interior da terra para então, na superfície, encontrar ar e água atuando pela constante repetição – mantendo viva a energia do ciclo. Ser penedo é também ser fogo, água e ar. Da mesma forma, nossa própria existência pode ser vista como uma complexa soma de partes deste mesmo todo, um desdobramento da paisagem. O ferro que está nas estrelas é o mesmo que está em nosso sangue.

“As gemas são as estrelas da terra. As estrelas são os diamantes do céu. Há uma terra no firmamento; há um céu dentro da terra”.⁶

É, então, pela contemplação ativista das rochas que este trabalho se propõe a caminhar. Nas páginas que se seguem, relato como foi ser sonhadora de rochas pelo curto período de quatro meses, na mais genuína busca pela expansão do olhar. Revisitar o que existe para além do visível e tátil vem da doce capacidade de mergulhar na imaginação da matéria, colhida através das leituras de Bachelard. Estimulada a iniciar pesquisas e investigações dentro deste pequeno recorte, verifiquei que “... o minúsculo, porta estreita por excelência, abre um mundo. O pormenor de uma coisa pode ser o signo de um

mundo novo, de um mundo que, como todos os mundos, contém atributos da grandeza. A miniatura é uma das moradas da grandeza”.⁷

Entrelaçada no compromisso com a matéria rochosa, desenvolvi trabalhos que resultam de pesquisas ao ar livre e investigações internas. Todos fazem parte da mesma busca e aconteceram quase que simultaneamente. A decisão de separá-los em categorias vem do modo como se encadeou o processo natural do trabalho. Mato, mar, rio, ar e sonho – no decorrer da pesquisa, cada um destes espaços contribuiu com novas perspectivas que fizeram brotar o desejo de busca, levando-me a recorrer sempre a um outro espaço.

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS

AQUI APRESENTO UM COMPILADO DE ARTISTAS que desenvolvem ou desenvolveram trabalhos no meio natural ou que, de alguma maneira, incorporam elementos do meio que os circunda em seu repertório temático. Para além disso, todos compartilham um posicionamento similar: deixar que a terra fale por si só, mostrando sua potência criativa através da arte que, nesses casos, funciona como um meio para fortalecer sua voz.

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS

ANDY GOLDSWORTHY (1956 –) é um artista britânico que desenvolve esculturas e instalações efêmeras em ambientes naturais feitas a partir do que encontra no entorno – gravetos, folhas, rochas, areia, terra, água. É o movimento das marés, a correnteza do rio e a força do vento que determinam seu tempo de existência. Nesse sentido, os trabalhos acabam sendo fruto da colaboração entre homem e terra. Aqui interessa perceber como Goldsworthy aceita o aspecto efêmero das obras e compreende os ciclos da natureza. Foi através dele que conheci um tipo de arte que não só sai dos limites do estúdio do artista, como permite que a lógica interna dos trabalhos se misture à lógica de um entorno natural – ao ponto de se tornarem quase que uma coisa só.

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS



*curved sticks laid
around a river boulder*
Andy Goldsworthy
2006

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS



*holes/middletown
woods, yorkshire*
Andy Goldsworthy
1981

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS

RICHARD LONG (1945 –) nascido na Inglaterra, é conhecido pelas caminhadas em espaços naturais. Em *A line made by walking* (1967) o artista leva a escultura para outro campo. O resultado do caminhar é uma linha de grama pisoteada e o único registro é feito com uma câmera fotográfica. Em suas intervenções, o próprio corpo é empregado como meio e instrumento de medida: limita-se apenas ao que é capaz de suportar e mede-se através dele as percepções do espaço onde caminha. Em *Dartmoor Wind Circle* (1985), o registro do percurso é feito pela representação das direções do vento que foram percebidas. Para Long, interessa transformar a superfície terrestre de modo reversível, fazer um trabalho *para* e não *contra* a terra. Através de seu trabalho despertam-se noções que posso transportar para meu processo. A investigação que parte de experiências vividas expande as possibilidades, sobretudo, de um projeto artístico.

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS



a line made by walking
Richard Long
1967

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS



dartmoor wind circle
Richard Long
1988

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS

O ARTISTA INGLÊS HAMISH FULTON (1946 –) compartilha com Long a mesma base fundamentada no caminhar por paisagens naturais, onde só a presença do artista já constitui um ato simbólico. É interessante notar como o trabalho de ambos se torna ainda mais significativo se deslocado para os dias atuais, quando as preocupações ambientais só aumentam. Em Fulton, a obra é a experiência do caminhar em si. Como, então, expor este tipo de trabalho? Para representar o percurso e as sensações nele presenciadas, mesclam-se diferentes mídias, como fotos, textos e desenhos. Neste caso, tomo como referência a maneira como o artista soluciona o problema da representação. Se torna mais evidente e tangível a vivência experienciada quando se ampliam as possibilidades de suportes.

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS



*installation view, turner
contemporary, margate*
Hamish Fulton
2012

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS



*installation view,
ikon gallery, birmingham*
Hamish Fulton
2012

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS

A ARTISTA VIJA CELMINS (1938 –) tem seus trabalhos inspirados pela natureza, marcados pela minúcia e a repetição. Em *To fix the image in memory* (1977-82), explora a riqueza visual das superfícies rochosas. A partir de um conjunto de onze rochas, a artista cria réplicas idênticas, feitas a partir de molde de bronze e tinta. É um trabalho minucioso, que traz consigo uma ideia semelhante a do serenar que desejo provocar através de meu trabalho. Ao dispôr as rochas originais ao lado de suas réplicas, Celmins nos convida a olhá-las de perto, transformando o ato de observar. Conseqüentemente, as informações visuais são digeridas mais lentamente.

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS



to fix the image in memory
Vija Celmins
1977-82

REFERÊNCIAS DE ARTISTAS



to fix the image in memory iv
Vija Celmins
1977-82

DE INÍCIO, PARTI DA IDEIA de experienciar espaços através dos pés. No livro *Walkscapes*, Francesco Careri fala do ato de caminhar como uma necessidade instintiva de busca e de experimentação do real. Ação que acompanha a humanidade desde o nomadismo primitivo. A primeira caminhada que realizei foi na Pista Claudio Coutinho, no bairro da Urca. Lugar onde tive também minhas primeiras descobertas de mundo quando criança, fortalecendo então o compromisso que passo a ter com essa pesquisa. Outro motivo que me fez começar por lá são os diferentes tipos de paisagens que comporta. De um lado da pista, o paredão de rocha do Morro da Urca / Pão de Açúcar cercado por uma mata fechada e úmida. Enquanto que no lado oposto, o mar aberto.

Na primeira visita, senti algo semelhante à reflexão trazida pelo filme português *O ornitólogo*, de João Pedro Rodrigues, que havia assistido alguns dias antes. Isolar-se na natureza para entrar em contato com os pássaros é o objetivo inicial de Fernando, o ornitólogo protagonista da história. Mas é esse mesmo lugar que o distancia de sua missão inicial. A sapiência enigmática da natureza aos poucos oferece novas possibilidades, novos caminhos a serem percorridos. Pelos jogos de câmera, compreendemos que os pássaros também observam Fernando e que a paisagem, inicialmente vista através de seu binóculo, também o examina. Os sons da floresta e as belas

EROSÃO

imagens contribuem para a sensação de vulnerabilidade que o personagem sente diante da imponência do cenário. Ao iniciar minha caminhada, percebi como de fato era preciso abnegar de qualquer objetivo concreto. Estar em um espaço pouco citadino é estar aberta às novas possibilidades que são a todo tempo oferecidas.

EROSÃO MATO E MAR



vista aérea pelo google maps

INCORPOREI NESSA EXPERIMENTAÇÃO a diferença de microclimas da mata e da beira do mar, realizando um intercâmbio entre as rochas de cada um desses ambientes. A mata, sombreada e úmida, faz crescer musgo nos sulcos da rocha gelada. Enquanto que as rochas da beira mar, banhadas de sol e maresia, guardam em si o calor absorvido pela luz.

Decidi permanecer cinco minutos registrando em vídeo cada uma das duas rochas, todos os dias que lá pude estar. Foi logo de início que me dei conta da potência desse exercício. Na prática, descobri que os cinco minutos eram o tempo suficiente para me assustar com todos os tipos de barulhos. Em vários momentos pude ter certeza que alguém se aproximava ou me observava. Os medos da cidade todos comigo, medo de gente e medo de bicho. O inconsciente lançando ordens severas de autossabotagem que aos poucos consegui não seguir. Passei a ter controle do ritmo dos pensamentos apavorados, cobrindo-os com respirações e palavras de autocuidado – só então o prazer da solitude começou a fazer algum sentido. Ao final dos cinco minutos, fiz o caminho de volta sentindo-me invadida por novas sensações. O dia seguiu mais macio. Um leve cansaço dominou minhas pernas de um jeito bom, os sons vieram menos agressivos ao meu encontro e o vagar dos meus olhos ficou mais lento. Percebi essas sensações pensando sobre o poder de cura e revitalização pelo contato com a terra.

EROSÃO MATO E MAR



Com o passar das semanas, num exercício de paciência e presença, observei o entorno de ambas as rochas se modificar. Após uma longa interrupção por semanas de chuvas fortes, finalmente pude voltar para a rotina de visitas. Caminhei devagar, notando cada mudança na paisagem. Na mata, o acúmulo de folhas e galhos formou um ninho de abrigo e acolhimento em torno de minha rocha (o estranho e firme vínculo criado me dá margem para então chamá-las de *minhas*. Não que eu as possua. Apenas como uma forma de tratamento íntimo, como quem chama um parente com quem compartilha laços sanguíneos). No mar, a rocha desapareceu. O mistério sob o qual permanece a força que a levou embora me agrada infinitamente.

No último dia, dentro do ciclo de visitas que planejei, me deitei dentro da mata, enquanto a câmera filmava, sob a delicada trama de galhos e folhas. Como o ninho que envolve a rocha, terra e folhagens macias me receberam com gentileza. Agradei pela troca. Entre quatorze de abril e quatorze de junho visitei meus esconderijos seis vezes, uma por semana. Os vídeos são um registro dos somados 60 minutos que me dediquei à estar só na natureza, exposta à tudo o que me era oferecido. Para a edição, optei por juntá-los em uma só tela, de forma que possam ser vistos simultaneamente. Em intervalos de 25 segundos intercalam-se os sons de cada dia, para que a experiência sonora reflita a ideia de passagem de tempo. O som é um fator essencial de compreensão do espaço quando se está na natureza. No mar, há dias em que o silêncio é raridade. A água se choca

contra os rochedos e provoca sons tão altos que assustam. Enquanto que na mata, há dias em que as famílias de pássaros parecem estar envolvidas em discussões calorosas.

→ Para as condições ideais da experiência audiovisual, o vídeo deve ser visto em local com pouca ou nenhuma luz, com o uso de fones de ouvido, potencializando o caráter imersivo do trabalho

EROSÃO MATO E MAR



para acessar o vídeo, copie o link abaixo e insira a senha **matoemar**
<https://vimeo.com/345719285>

DEPOIS DA MATA E DO MAR, me veio o desejo de verificar o que o rio tinha a dizer. Viver no Rio de Janeiro também significa estar rodeada, em abundância, de esconderijos naturais preciosos à distância de algumas poucas horas de carro. Um deles é o rio Soberbo, que desce toda a Serra dos Órgãos até a cidade de Guapimirim, passando por dentro do Parnaso (Parque Nacional da Serra dos Órgãos). Não foi um esforço pegar a estrada e entrar pela cancela do parque por tantas vezes, só para ir de encontro ao Soberbo. Na beira de seu leito meditei sobre a infinidade de sonhos que lá surgem sobre a matéria rochosa. Quantas correspondências existem entre a rocha e a água – que escorre por caminhos tortuosos desde os pontos mais altos da serra até se organizar enquanto rio. Firme e pesada, a rocha sustenta bravamente o volume constante que a atinge, criando barreiras e passagens, buracos e poças que delineiam o curso da corrente fluvial.

EROSÃO RIO



EROSÃO RIO



ANTES DE MINHA IDA AO RIO, para alimentar a pesquisa, decidir buscar cruzamentos entre a abordagem científica e a artística, através da geologia. Meio tímida e movida pela curiosidade, fui recebida na UERJ pelo Julio Almeida, pesquisador e professor do curso de Geologia que ali funciona. Por ele fui apresentada ao LGPA (Laboratório Geológico de Processamento de Amostras), onde meu olhar leigo e bastante encantado flertou com todos os objetos presentes ali. Vidrinhos, caixinhas, ferramentas e uma fina camada de poeira de rochas me fizeram abrir um sorriso instantâneo. Carrego comigo desde a infância um fascínio pelos laboratórios. E, afinal, o que devem ser as pesquisas e práticas artísticas senão uma maneira de satisfazer nossas mais genuínas curiosidades?

Através de meu desconhecimento na área científica encontrei uma brecha para me apropriar desses materiais e dar à eles outras camadas de significados, atreladas ao meu discurso poético. Nesse caminho, as lâminas delgadas me pediram atenção. É através delas que as rochas são analisadas no microscópio para que sejam identificados minerais e outras características de sua origem. Me perguntando sobre como seria acessar a trama de minerais microscópicos que compõem as rochas do rio que visitei, decidi usar três amostras que havia retirado de dentro da água e transformá-las nesses delicados objetos. Durante um dia inteiro acompanhei o processo de laminação.

EROSÃO RIO



amostras retiradas do rio

EROSÃO RIO



amostras retiradas do rio

EROSÃO RIO



primeiro corte



identificação das amostras



colagem das amostras nas lâminas de vidro



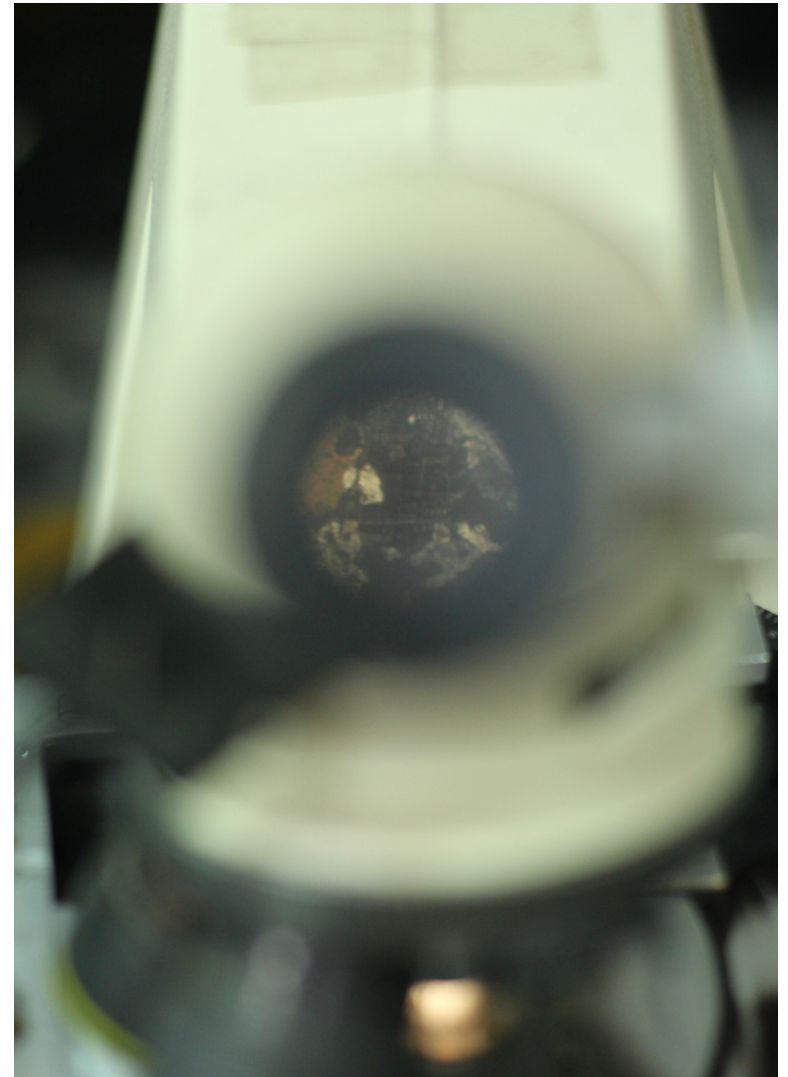
as amostras são polidas com pó abrasivo progressivamente mais fino até que se atinja a espessura necessária

EROSÃO RIO



a amostra começa a se tornar translúcida

EROSÃO RIO



*finalmente, a rocha
pode ser analisada
pelo microscópio*

Difícilmente poderia reproduzir neste texto a sensação que tive quando, ao olhar pela lente do microscópio, milhares de texturas e colorações brilharam diante de meus olhos. Fragmentos de minerais encaixados e agrupados como irmãos, contando uma longa história geológica, mostraram-me uma beleza que é fruto do acúmulo. Estar diante da lâmina e da imagem gerada é estar diante do visível e do invisível, do macro e do micro. A mesma rocha que é firme e sustenta o peso do rio também tem em si o potencial de fragilidade e delicadeza.

→ Para a exposição deste trabalho, as imagens geradas pelo microscópio devem estar colocadas ao lado das lâminas às quais correspondem

EROSÃO RIO



visível e invisível
vidro, rocha e tinta de pigmento
mineral sobre papel algodão

EROSÃO RIO



lâmina 1



lâmina 2

EROSÃO RIO



lâmina 3

*“Bonitas miniaturas, flores ou jóias, obras de uma fada”*⁸

TAMBÉM NO RIO SOBERBO, apanhei pequenas rochas que me atraíram por suas cores e formatos, rememorando o antigo hábito de colecionar pedrinhas. Noto como é poderosa a sensação de ter em mãos estes pequenos fragmentos da estrutura terrestre. É pelo toque que me conecto com o que suas superfícies têm a dizer. Por algumas semanas mantive-as em meu quarto, percebendo que quando a mente se deixa levar pelo encantamento da matéria rochosa, o ritmo de pensamentos se torna mais sereno. Foi o que me apontou para o caminho de um trabalho que provoca a interação como uma maneira de estimular a introspecção.

Na cultura oriental, confia-se no corpo para que sejam atingidos determinados estados da mente. O *Karesansui* – jardim zen japonês – foi criado nos templos budistas em Kyoto durante o período Muromachi (1392-1573) para simbolizar a essência da natureza e induzir a meditação. Através da prática individual, em contato com a areia, água e rochas, a manutenção do jardim exige disciplina e movimentos corporais cuidadosos. É por essa interação que se atinge o estado

→ A peça deve ser exposta em altura e distância confortáveis para quem desejar manuseá-la. A mesa ou base na qual estiver apoiada deve ser ampla o suficiente, de forma que haja espaço para apoiar as peças se necessário. Se possível, uma cadeira está disponível

meditativo. O diálogo que o *Karesansui* estabelece com meu trabalho é por esse esvaziamento da mente induzido pelo contato com a matéria.

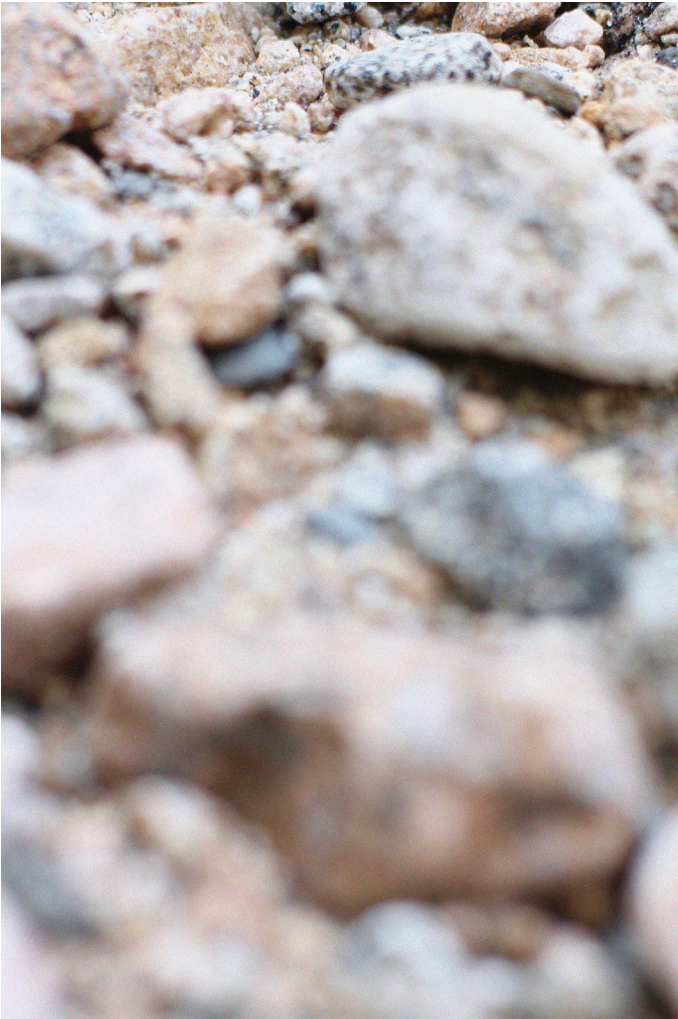
Usando gesso, criei uma base com trinta e quatro concavidades, contemplando o mesmo número de rochas que pertencem à minha coleção de lembranças do rio. A proposta é que a experiência seja individual e livre, pelo simples manuseio. Sob a base, as peças podem ser arrumadas de variadas formas. O intuito é estimular a prática individual de autocuidado e manutenção dos pensamentos pela profusão de informações táteis e visuais.

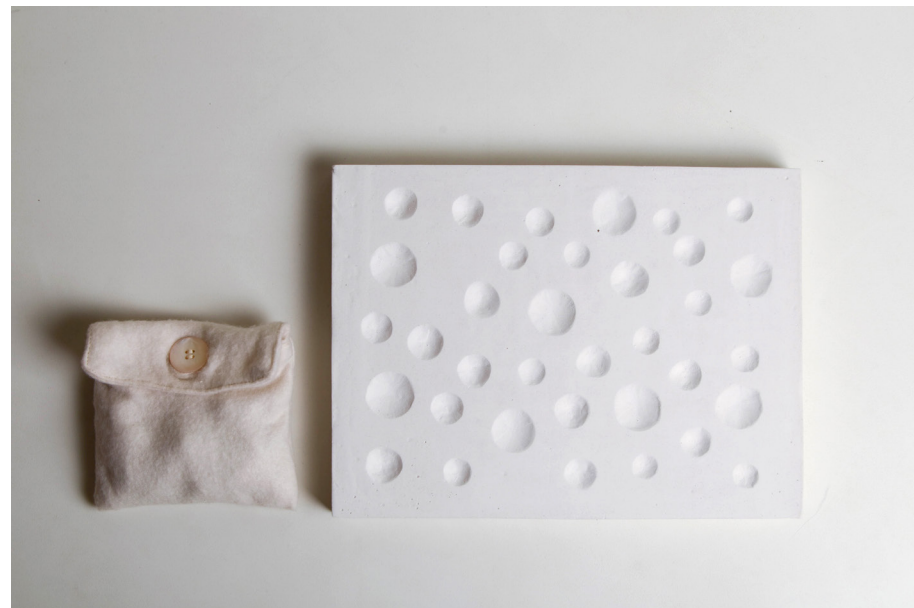
A escolha dos materiais relaciona-se com esta mesma ideia. O gesso, extraído do mineral *gipsita*, tem consonância com a temática das rochas. Além de sua origem, interessa aqui refletir sobre a própria feitura da peça, onde a passagem do pó para o líquido e do líquido para o sólido se assemelha ao próprio processo de solidificação mineral. A bolsa que serve para guardar as trinta e quatro rochas é de feltro de lã e botão de madrepérola. Ambos os materiais carregam em si o caráter cíclico da natureza de suas origens. A lã que cresce no animal e a madrepérola que cobre o interior da concha reverberam com a proposta do projeto.

EROSÃO RIO



EROSÃO RIO





alegrias musculares
rochas, gesso, feltro de lã e madrepérola



alegrias musculares
rochas, gesso, feltro de lã e madrepérola

EROSÃO RIO



alegrias musculares
rochas, gesso, feltro de lã e madrepérola



alegrias musculares
rochas, gesso, feltro de lã e madrepérola



alegrias musculares
rochas, gesso, feltro de lã e madrepérola

EROSÃO

VENTO

FUI IMPELIDA A PRODUZIR UM TRABALHO COM o vento enquanto experimentava um diálogo entre rochas e papel. Utilizando uma folha do tengujo – papel extremamente fino, composto de fibras vegetais, geralmente usado para restauro de livros e peças de arte – notei como a presença constante do vento insistia em criar comunicações inesperadas entre os dois materiais. Era tão comum e natural para aquela rocha receber o vento. Por que, então, não incorporar a ação deste elemento?

AO AR LIVRE, UM QUADRADO medindo 10 x 10 cm de papel tengujo é colocado por baixo de uma rocha pintada de tinta nanquim. Conforme as rajadas de ar, o papel se levanta e a tinta ocasionalmente mancha sua superfície. Os resultados gráficos são efeito da silenciosa conversa estabelecida entre permanência e impermanência. O vento passa e a rocha fica. Uma vez por dia, durante uma semana, me sentei ao lado desta pequena estrutura e esperei. Houve dias em que a folha sequer levantou. Em um trabalho que não tenho controle, de repente me vi diante de meu insistente desejo por resultados imediatos. Venho de um lugar onde a ideia dos curtos percursos é sempre a mais sedutora. Na cidade, desconectada da natureza, nunca tive que esperar pelo vento – ou ao menos notá-lo. Aqui aprendi a ver que até o não vento é o vento. Se propôr a criar um trabalho que acontece pelo acúmulo dos dias é ter que em muitos momentos aceitar o vazio, o não acontecimento, o não movimento.

→ O trabalho deve ser exposto de forma que o vídeo só seja visto depois da peça correspondente, que reúne a série dos sete registros gráficos

Um vídeo de dois minutos e meio complementa o resultado gráfico da experimentação. O som gravado incorpora o que se passava no entorno, transmitindo a sensação de que nada de extraordinário aconteceu no dia da filmagem. Como sempre, o vento soprou enquanto cachorros latiram, vizinhos conversaram e carros passaram. A ação de registrar é que simboliza a real intenção do trabalho – a de reconexão.

EROSÃO VENTO



para acessar o vídeo, copie o link abaixo e insira a senha **vento**
<https://vimeo.com/345306015>

EROSÃO VENTO



*onde o vento toca a rocha
nanquim sobre papel tengujo*

EROSÃO VENTO



*onde o vento toca a rocha
nanquim sobre papel tenqujo*

EROSÃO

SONHO

O DESEJO DE EXTERNALIZAR O QUE SE PASSAVA INTERNAMENTE se potencializou pelo meu encontro com certos materiais. No auge dos últimos meses de introspecção, trabalhar com o pó do gesso foi como ter a possibilidade de induzir com minhas próprias mãos o processo natural de solidificação da rocha. Do mesmo modo, tracei paralelos com o papel enquanto meio – material com o qual criei profunda afeição graças ao design gráfico.

NA SUPERFÍCIE DE UMA ROCHA todas as marcas são o testemunho de episódios e experiências passadas. Este trabalho consiste em uma coleção de dez peças de gesso decorrentes de minha própria imaginação. Esculpir *uma*, ao invés de esculpir *a* – é na mudança de preposição que encontro aqui uma maneira de ser rocha. Em suas superfícies, permito-me criar pequenas ranhuras e cicatrizes que talvez sejam a manifestação física de experiências que eu mesma vivi. São objetos que possuem em si características do sonho e do real. Peso e cor explicitam esse caráter fantasioso. A rocha sonhada é branca e inesperadamente leve – há algo de estranho e não familiar nisso. Por outro lado, cabem na palma da mão e se assemelham às pedras que acumulei ao longo dos meses da pesquisa. Acariciá-las é tornar-se oniricamente potente.

→ As peças devem estar expostas sob a base de madeira que as coloca reunidas, formando uma coleção



rochas oníricas
gesso e madeira

EROSÃO SONHO



*rochas oníricas
gesso e madeira*

EROSÃO SONHO



*rochas oníricas
gesso e madeira*

ESTE TRABALHO PERMEIA A PROPRIEDADE QUE papel e rocha possuem de guardar memória. Amassar, dobrar, rasgar, cortar, manchar, molhar, secar. Pelos quatro anos que estive no curso de design, a afinidade que criei com o material agora me permite estabelecer este paralelo. A ação consiste em embrulhar rochas em papel kraft até que o material absorva todas as informações da forma. Como um casulo que fora deixado de lado, a casca de papel é coberta com spray fixador e a forma é cristalizada, deixando visíveis sulcos e relevos. Ao dispor as rochas e seus pares correspondentes lado a lado, o olhar busca correspondências entre as formas e passeia mais lentamente sobre o conjunto. Pelo desejo de provocar o desacelerar, aqui estabeleço algum tipo de diálogo com o trabalho de Vija Celmins que apresentei anteriormente.

—> As formas de papel devem ser expostas junto das rochas correspondentes, formando um conjunto escultural



*memória da forma
rochas e papel*



*memória da forma
rochas e papel*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

FUI MOVIDA PELA INQUIETAÇÃO de constatar a falência de um modo de vida alienante, que nos separa de um todo maior e mais complexo. Na busca por sentido, encontrei acalento ao desenvolver novas formas de percepção do mundo. Durante os últimos meses me cobri de sal, terra, vento, chuva e água de rio, mas também mergulhei no universo que existe do lado de dentro. Revisitei cantos há muito esquecidos e vibrei por isso. Imergi para emergir. Dei início, então, à um tipo de abordagem que muito me interessa. Na vida da cidade, a qualidade intransponível do comprometimento é por si só transgressora. A quantidade incessante de informações nos afoga – é preciso dar conta de tudo, engolir sem mastigar. Como encontrar maneiras de saborear e ter uma digestão menos agressiva? Foi o que busquei contemplar.

Mas, afinal, é preciso esclarecer que não há aqui o desejo de propor uma total crítica à maneira como a realidade hoje se configura. O mesmo acelerar que caracteriza o meio urbano que aqui questiono, também inaugura lugares de pluralidade e conexões antes improváveis. Há uma sensação geral de proximidade que talvez nos ajude a encontrar um caminho mais consciente, empático e curioso no futuro.

Foi uma vivência carregada de minúcias que demandam alto comprometimento de tempo e energia. A dificuldade es-

CONSIDERAÇÕES FINAIS

teve em fazê-la caber no tempo disponibilizado à se concluir o projeto de conclusão. Em doses homeopáticas, degustei a sensação de aliar corpo e mente em função de uma investigação que intima compromisso. Chego ao fim e noto como a natureza cíclica do processo criativo em muito se aproxima do ciclo de vida da rocha. Agora, há o desejo de retornar ao estado de fusão que dá origem ao magma – novas leituras, novas inquietações e novas imersões, que um dia alcançarão a superfície.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. (2013) **A terra e os devaneios da vontade**. São Paulo, Martins Fontes.

BACHELARD, Gaston. (2013) **Poética do espaço**. São Paulo, Martins Fontes.

BARROS, Manoel De. (2016) **O livro das ignoranças**. 1 ed. São Paulo: Alfaguara.

BARROS, Manoel De. (2016) **O livro sobre nada**. São Paulo, Alfaguara.

CALVINO, Italo. (2002), **Marcovaldo ou As estações na cidade**. Nilson Moulim. São Paulo, Companhia das Letras.

CARERI, Francesco. (2013) **Walkscapes, o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili.

SERRES, Michel. (2002) **Tempo de crise**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

Riedelsheimer, Thomas. **Rivers and Tides**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8WP2AfqyOsI>> Acessado em: 24 mar. 2019

Riedelsheimer, Thomas. **Leaning into the wind**. Disponível em: <<https://www.leaningintothewind.com/>> Acessado em: 22 abril. 2019

O Ornitólogo. Direção de João Pedro Rodrigues. Pádua: Black Maria, 2016. (117 min.)

Ponto de mutação. Direção de Bernt Amadeus Capra. Seattle: A. J. Cohen, 1990. (112 min.)